

Animação à leitura: contributos para o desenho de uma sessão

Cristina Taquelim

RESUMO

O trabalho de muitas bibliotecas está marcado por sessões de animação à leitura, que se dirigem a grupos, escolares e informais, sessões que normalmente se desenvolvem nas “salas do conto” existentes em quase todos os serviços de infância das bibliotecas públicas e que vulgarmente se designam por “Horas do Conto”. Aqui se apresenta um esboço, entre os muitos possíveis, para o planeamento de uma sessão desta natureza.

O trabalho de muitas bibliotecas está marcado por sessões de animação à leitura, que se dirigem a grupos, escolares e informais, sessões que normalmente se desenvolvem nas “salas do conto” existentes em quase todos os serviços de infância das bibliotecas públicas e que vulgarmente se designam por “Horas do Conto”. Estas práticas, assentam na sua maior parte em estratégias de suporte à criação de uma envolvente atractiva com o livro e com a leitura e têm por objectivo, a divulgação de livros, de autores e a dinamização das colecções existentes nas bibliotecas.

A forma como elas se organizam podem ser muito variadas, dependendo da natureza do grupo, da sensibilidade e perícia comunicativa do mediador e será importante que caminhem no sentido de possibilitar a construção de relações **com e entre** livros, permitindo à criança, condicionada pela sua maior ou menor competência leitora, uma maior liberdade na projecção sobre o livro ou um texto em particular e a criação de um vínculo que a faça regressar, mais tarde, à relação directa com a leitura.

Para a organização destas sessões de animação, na maior parte das vezes, não precisamos mais que bons livros, bem estudados, bem trabalhados e um espaço neutro, sossegado e aconchegado para se desenvolverem. Aspectos tão banais como a protecção das costas do mediador por uma parede, o estar afastado de uma zona de ruído, inibir a entrada sistemática de novos participantes, sentar-se numa cadeira baixa de forma a que todas as crianças tenham boa visibilidade do livro, a distribuição do grupo pela sala em meio círculo, são aspectos que podem ser determinantes na eficácia da sessão.

Importa agora desenhar um esboço desses 50 minutos de trabalho, construídos entre o mediador, o grupo e a palavra contada ou lida. Importa fazê-lo sem no entanto condicionar ou formatar o trabalho de quem lê este texto? As soluções são sempre muitas e determinadas pela experiência do mediador, pela natureza do grupo, pelo repertório de leituras de ambos

Proponho um alinhamento dividido em quatro momentos, todos eles com objectivos diferentes: **Acolhimento; Reflexão; Leitura em voz alta; Contar**. Todos estes momentos, têm uma preparação e uma justificação para acontecer e a duração de cada momento e da própria sessão, será sempre ditada pela resposta de cada grupo em concreto. A sua sucessão deverá fazer-se de forma inteligente e bem articulada sendo importante encontrar um fio condutor, qual fio de Ariane que sirva de guia ao mediador. Esse fio pode ser um tema, um livro, uma palavra.

Acolhimento

É o momento de recepção do grupo e permite ao mediador dar-se a conhecer. Tem de ficar claro para a criança qual o registo de voz do mediador, a sua postura corporal, como se exprime, como olha. Este é também um momento fundamental de construção de empatia com o grupo, para perceber as suas tensões, quais as crianças que mais espontaneamente mais ou menos participativas e as regras implícitas à relação que ali se está a construir.

Reflexão

É o segundo momento da sessão e permitirá, conforme as questões levantadas, perceber o nível de reflexão do grupo em relação ao tema proposto - o objecto livro, o objecto leitura – mas também as preferências do grupo. Esta breve avaliação ajudará na adequação do registo de comunicação do mediador, no conhecimento das expectativas do grupo.

Onde se pode ler? Para que se lê? Como se lê? O que é um escritor, um ilustrador? – poderão ser algumas das perguntas de partida, mas existem milhares de outras. Interessará ter uma boa diversidade de livros de suporte à sessão, de forma a ir introduzindo livros com propostas dissonantes em relação às reflexões que cada criança apresenta, provocando o conflito e a reflexão do grupo, alargando o conceito de leitura. Se por exemplo, consensualmente, o grupo diz que se pode ler apenas nas páginas escritas, será bom mostrar um livro de imagens, de forma a que, progressivamente, as crianças percebam e construam narrativa a partir de imagens, alargando conceitos.

O trabalho com o livro começa logo ali na capa e a observação atenta da mesma poderá dar pistas para o que mais tarde confirmaremos com a leitura de cada página. Identificam-se autorias, assiste-se à construção de hipóteses sobre o que se vai ler,

fazem-se antecipações, comportamentos importantes para a formação de cada leitor. As experiências acumuladas livro a livro vão ajudar a criança a construir um comportamento padrão na abordagem do objecto livro, comportamento que irá repetir sempre que tiver o livro ao alcance da mão.

Leitura em voz alta

Chegámos agora ao coração do livro. O mediador mais experiente, o que já construiu um reportório dos *seus* livros: aqueles que mais gosta, os que mais trabalhou, os que já experimentou tantas vezes que as palavras lhe nascem na boca ao virar da página - não terá dificuldade em fazer uma leitura com um bom ritmo, expressiva, mas permitindo, no caso de um álbum ilustrado, a visualização das imagens. Trata-se de uma leitura em voz alta com livro em presença, onde o livro é suportado lateralmente ou em frente do peito do mediador, de forma a permitir que a criança perceba os movimentos do olhar do mediador, que ora se liberta do texto assumindo a voz de um personagem, ora segue as linhas de texto, conduzindo o olhar da criança, de forma que ela perceba as suas palavras nascerem da página.

O olhar do mediador, é conduzido ora para o livro, ora para o auditório, abraçando com os olhos de todo o grupo. O centro da acção não é o mediador mas o livro que agora todos partilham e que se revela através de uma leitura e gestualidade, expressivas mas contidas. O mediador é alguém que dá voz, corpo e expressão às palavras de um autor, alguém que revela uma imagem, alguém que ilumina o livro.

O mediador menos seguro ou experiente, talvez sinta necessidade de adereços para suportar a leitura: fatos, chapéus, fantoches – adereços que se não forem bem utilizados podem trazer “ ruído ” à leitura. Convido pois que se pense no livro como o *o adereço* e a leitura que está a fazer como o “*pôr em cena*” o livro.

Um álbum de imagens pode ser um bom livro de abertura para uma sessão. Ele permitirá o fixar da atenção do grupo e a compreensão das dinâmicas do mesmo. Dentro dos álbuns de imagens, existem textos muito interessantes que convidam a criança a participar de forma activa na leitura, pelas palavras ou frases que se repetem. Este tipo de livros, com uma forte componente plástica e de estrutura narrativa simples, por vezes cumulativa ou rimada, funcionam bem como propostas de leitura participada, ajudam a criança a falar e a conter e constituem um jogo divertido ao serviço da relação que ali está a nascer, quer com livro, quer com o mediador.

Dependendo dos grupos, sua atitude e competências, estes momentos podem prolongar-se até chegarmos à leitura em voz alta de livros/textos que não tendo ilustração, permitem o centrar da atenção na narrativa. Nestas sessões curtas e fragmentadas não é muitas vezes possível trabalhar mais do que textos curtos. Por vezes pequenos textos poéticos podem ser propostos para uma leitura a par entre mediador e uma criança, garantindo que a criança escolhida para essa leitura será bem sucedida.

O número de livros a ser lidos numa sessão, é ditado pelo grupo. O animador perceberá pelo treino, o momento em que a escuta perde qualidade, em que a atitude corporal deslumbrada dá lugar a um ligeiro frenesim e o corpo da criança diz: - basta!

Contar

Um conto narrado sem recurso ao livro pode ser uma boa forma de fechar este esboço de sessão. Este permite a experiência de um outro tipo de escuta. Nem todos os contos são bem servidos por esta técnica. Um texto literário fica, de uma forma geral, mais bem servido com uma leitura em voz alta. Um conto de tradição oral de uma forma geral, funciona melhor se for contado recorrendo apenas à voz, ao gesto, ao improviso da linguagem que se reconstrói permanentemente em cada reconto. Mas contar uma história de tradição oral também exige preparação: ter a sequência da narrativa bem definida; dar espaço à construção, no imaginário de quem escuta, das imagens do conto; introduzir as expressões de abertura e fecho do conto; reproduzir as pequenas formulas rimadas tão características da oralidade, enfim, todo um conjunto de “truques” que se descobrem pelo exercício continuado e atento do acto de contar e pelos contributos que o auditório vai dando. Estes permitem ao mediador, manter ou abandonar um elemento, um gesto ou uma imagem quando conta.

O mediador, aqui contador, conta de cor, conta com o coração e este pode e deve ser um momento de entrega total ao auditório. Ele desarma-se, abre o peito e de olhos nos olhos conta. O mediador recria através da palavra, novas imagens, expõe-se afectivamente junto das crianças. Normalmente são momentos de grande intensidade de escuta, de concentração.

Não pensemos no entanto esta proposta como algo rígido, estático. As fases aqui sugeridas não são estanques. Cada mediador aprenderá, pela relação directa com o grupo, a unir estas pontas, a estabelecer as relações entre os vários momentos de forma fluida. Importa ainda, e sempre que possível, deixar que as crianças, no final da sessão, possam regressar aos livros, estimulando a sua manipulação directa, regressar ao objecto e a leitura do texto, suportada ou não pelos adultos que o acompanham.